

A vertical strip on the left side of the cover features a mosaic. The mosaic consists of a grid of small, light-colored tiles. On the left edge of this grid, there is a vertical column of five dark, pointed shapes that resemble a stylized star or a series of triangles pointing to the right. The background of the cover is a solid, deep blue color.

**SEBASTIÃO PHILIPPES  
MARTINS ESTÁCIO DA VEIGA**

PALEOETNOLOGIA

**ANTIGUIDADES  
MONUMENTAIS  
DO ALGARVE**

TEMPOS HISTÓRICOS  
VOLUME V

CÂMARA MUNICIPAL DE SILVES  
MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA  
2006

## **FICHA TÉCNICA**

**Edição:** Câmara Municipal de Silves  
Museu Nacional de Arqueologia

**Coordenação Editorial:** Maria José Gonçalves

**Autores:** Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga  
Maria Isabel Fernandes da Silva Soares  
Luís Raposo  
João Luís Cardoso  
Alexandra Gradim

**Fotos:** João Luís Cardoso

**Design e Composição Gráfica:** Logicamente

**Impressão:** Gráfica Comercial - Loulé

**ISBN:** 972-8505-17-5

**Depósito Legal:** 251023/06

**Tiragem:** 500 exemplares

**Silves.Novembro.2006**

SEBASTIÃO PHILIPPES MARTINS ESTÁCIO DA VEIGA

# **ANTIGUIDADES MONUMENTAIS DO ALGARVE**

VOLUME V

João Luís Cardoso<sup>1</sup>

**Apresentação**

13

João Luís Cardoso e Alexandra Gradim<sup>2</sup>

**Notas e Comentários**

CÂMARA MUNICIPAL DE SILVES  
MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA  
2006

<sup>1</sup> Professor Catedrático da Universidade Aberta (Lisboa). Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). Académico de Número da Academia Portuguesa da História.

<sup>2</sup> Arqueóloga da Câmara Municipal de Alcoutim

“Fiel ao seu programma, e firme no seu posto, Estacio morreu pensando na archeologia e no Algarve, que tão querido lhe era!”

J. Leite de Vasconcellos, *O Archeólogo Português*, 9 (1904), p. 201, nota 2.

Obtida a autorização por parte do Director do Museu Nacional de Archeologia e meu particular Amigo, Dr. Luís Raposo, para o estudo integral da documentação do Arquivo de Estácio da Veiga, conservado naquela centenária Instituição, em Março de 2005, na sequência de pesquisa nele efectuada no ano anterior, entretanto publicada (Cardoso & Gradim, 2004), deparei-me com uma pasta contendo as folhas manuscritas que agora se publicam, protegidas por uma capa simples. Era o original da obra que Estácio da Veiga preparava, na sua residência do Largo de Arroios, em Lisboa, correspondente ao volume V das “Antiguidades Monumentaes do Algarve”, escrito na cama, nos últimos dias de vida, até ser derrubado pela doença, no dia 7 de Dezembro de 1891!

Trata-se de um conjunto de folhas de tamanho A4, escritas a lápis de um dos lados, em caligrafia elegante e legível, claramente a de Estácio da Veiga, correspondendo pois a original pronto para ser entregue para composição tipográfica. Esse era o propósito de Estácio da Veiga de que não restam dúvidas. É o próprio que o diz, em carta autógrafa dirigida ao Secretário-Geral da Academia das Ciências de Lisboa, em 4 de Junho de 1891 e conservada no seu Processo Académico; ao fazer acompanhar esta missiva do volume IV, acabado de sair dos prelos da Imprensa Nacional e oferecido à Academia de que era sócio correspondente desde 8 de Junho de 1876, declara:

A “Carta Archeologica do Algarve”, de que há poucos mezes remeti á Academia um exemplar, acompanhará o quinto volume e ficará regendo todas as antiguidades históricas já verificadas naquelle território (...)”.

Na verdade, a Carta Archeologica do Algarve, relativa aos tem-

pos históricos já se encontrava concluída em 1890, pois a 18 de Dezembro desse ano, Estácio remeteu um exemplar ao Presidente da Segunda Classe da Academia das Ciências, conforme consta da carta com que fez acompanhar o referido documento.

Nela incluiu todos os "característicos" da época histórica, a qual foi só publicitada postumamente em 1910, em *O Arqueólogo Português*; com a titulação seguinte:

PORTUGAL  
CARTA ARCHEOLOGICA DO ALGARVE  
TEMPOS HISTORICOS  
Representativa das épocas preromana, romana,  
visigothica e árabe,  
Comprovada com o Museu Archeologico do Algarve, fundado em  
1880, e com os descobrimentos effectuados até 1889

Esta carta arqueológica sucede-se à dedicada aos tempos pré-históricos, inserta no volume I das "Antiguidades Monumentaes do Algarve" e constitui o segundo documento cartográfico produzido por Estácio, na sequência da sua missão governamental do levantamento arqueológico da então província do Algarve. Ao contrário do referido por Teresa Júdice Gamito, na introdução à reedição das "Antiguidades" (Gamito, 2005), não foi elaborada uma carta específica para o período romano e outra para o período medieval: ambos são contemplados num único documento, precisamente o mencionado, como aliás se evidencia do respectivo título, acima transcrito.

Importa salientar o extremo cuidado metodológico de Estácio na preparação da legenda deste documento, o qual, como o próprio declara, deveria acompanhar a publicação do presente manuscrito. Com efeito, se a legenda da carta arqueológica relativa aos tempos pré-históricos seguiu as convenções internacionais em vigor, com as quais Estácio se encontrava familiarizado, até por ter apresentado aquela carta ao Congresso de Lisboa de 1880, já no que respeita aos tempos históricos não havia uniformidade de critérios; para obviar aos inconvenientes de uma multiplicação de símbolos, que dificultavam a consulta de documentos similares produzidos em outros países, ou por diferentes arqueólogos, Estácio enviou ao Congresso

da Sociedade Francesa de Arqueologia, reunido em Pamiers no ano de 1884 “uma proposta para a regulação da legenda internacional que deve ser empregada nas cartas de archeologia histórica (...) semelhantemente ao que ficou ordenado para as cartas de archeologia prehistorica” (Veiga, 1887, p. 5, 6). Na sequência desta apresentação, Estácio da Veiga organizou uma “relação das épocas, com a indicação das antiguidades históricas de cada uma, que devam ser symbolisadas nas futuras cartas parciaes ou geraes de Portugal, sendo cada epigraphe precedida de um signal arbitrário” (*op.cit.*, p. 6). Assim, enquanto a cooperação institucional não se afirmasse, a proposta do Autor aplicar-se-ia exclusivamente ao Algarve; vale a pena, pois, conhecer os critérios definidos por Estácio para a representação dos vestígios, na respectiva carta arqueológica dos tempos históricos, directamente relacionada com o volume V das “Antiguidades”, que agora se publica:

“Com referencia ao Algarve, dividi os tempos históricos, comprehendendo a instituição da monarchia portuguesa, em tantos períodos, quantas foram as nacionalidades que senhorearam aquelle território, sendo cada período subdividido em épocas e estas representadas por seus mais typicos característicos, como vou mostrar com o quadro seguinte; mas este quadro ficará incompleto, se não reunir a representação symbolica das antiguidades que sejam privativas de outras zonas geographicas do reino, cujo estudo não está a meu cargo (...)” (Veiga, 1887, p. 7).

Face aos propósitos acima enunciados por Estácio da Veiga, verifica-se que o manuscrito se encontra incompleto, porque é interrompido ainda no período romano, quando o Autor ia passar a tratar dos vestígios romanos de Quarteira, precedendo os de Loulé Velho. Ao que tudo indica, a passagem a limpo das notas coligidas foi aqui interrompida definitivamente, até porque o resto da página se encontra em branco.

O manuscrito possui as características já descritas por J. Leite de Vasconcellos na nota introdutória à sua reprodução parcial nas páginas de *O Arqueólogo Português*: é constituído por cinco cadernos, possuindo o primeiro 28 páginas (com duas em branco); o segundo, 36 páginas (com três em branco e uma riscada); o ter-

ceiro, 16 páginas (duas em branco); o quarto, 18 páginas (duas em branco); e o quinto, 36 páginas. O primeiro está acompanhado de um grande mapa de medições craniométricas, da autoria do Dr. Ferraz de Macedo, que agora se reproduz; e o último possui uma folha não numerada com desenhos e decalques de moedas, que também se reproduziu na presente publicação. Cada capítulo é precedido de um sumário, que não foi paginado, com excepção do quinto e último capítulo que, como ficou inacabado, não tem sumário.

A palavra "continua", com que, em *O Arqueólogo Português*, é rematada a transcrição da última parte do manuscrito, deverá exprimir a intenção de J. Leite de Vasconcellos continuar a publicar originais de Estácio, designadamente o manancial constituído pelos originais de notáveis plantas e desenhos de testemunhos romanos, o que não se verificou; só muito mais tarde tais elementos foram sistematicamente dados à estampa (Santos, 1971, 1972), depois de ter sido publicado o respectivo inventário, elaborado ainda pelo próprio Estácio da Veiga (Machado, 1970).

A publicação integral do volume V das "Antiguidades Monumentaes do Algarve" no ano em que se comemoram 120 anos sobre a publicação do primeiro volume desta obra e no seguimento da republicação dos quatro primeiros volumes pela Universidade do Algarve, no âmbito de Faro Capital Nacional da Cultura 2005 (Veiga, 2005), parece não poder vir mais a propósito. Assim, encontrando-se o processamento do texto do manuscrito já concluído, logo que houve conhecimento da intenção da Câmara Municipal de Silves, coadjuvada por outras entidades, em realizar um encontro extraordinário de arqueologia do Algarve, quebrando o ritmo bienal habitual destas reuniões científicas, de homenagem a Estácio da Veiga, prontifiquei-me junto da Dr<sup>a</sup>. Maria José Gonçalves, responsável pelo Gabinete de Arqueologia, Conservação e Restauro da referida autarquia, a preparar a presente publicação. Desde logo partilhei este interesse com o Director do Museu Nacional de Arqueologia e com o responsável científico do encontro, o Prof. Doutor José d'Encarnação, ilustre professor, arqueólogo e amigo. Submetida a apreciação esta intenção, foi a mesma considerada de interesse.

Convidei, para se associar a esta iniciativa, a Dr<sup>a</sup>. Alexandra Gradim, arqueóloga da Câmara Municipal de Alcoutim, por duas ra-

zões principais: primeiro, porque foi ela quem me alertou para a existência deste opulento espólio documental, quase por estudar, no Museu Nacional de Arqueologia, no seguimento do levantamento a que procedeu dos espólios arqueológicos daquele concelho algarvio ali existentes; depois, porque assim se garantia a continuidade a uma colaboração muito frutuosa, tanto no terreno, como na análise deste mesmo arquivo documental.

O trabalho consistiu na leitura crítica do original, transcrevendo-o rigorosamente, mantendo a ortografia da época e a pontuação. Existiram algumas dificuldades de leitura, decorrentes de se terem carimbado todas as páginas com o carimbo da Biblioteca do Museu, directamente sobre a parte escrita (o que poderia ter sido feito com evidentes vantagens no verso de cada folha), as quais foram sempre ultrapassadas pela confrontação com a transcrição de J. Leite de Vasconcellos, felizmente efectuada numa altura em que não tinham ainda sido apostas tão perturbadoras marcas.

Na sequência deste trabalho de leitura e transcrição importava, de seguida, compulsar os trechos transcritos por J. Leite de Vasconcellos, confirmar o acerto da parte por este transcrita e averiguar o conteúdo da parte ainda inédita. No que respeita à primeira daquelas questões, verifica-se que a metodologia seguida por Leite de Vasconcellos, como ele próprio declara, foi a da actualização da ortografia e a adaptação da pontuação adaptando-as às normas de *O Arqueólogo Português*. Notaram-se, no decurso deste exercício comparativo, alguns equívocos na leitura de certas palavras, que se assinalam em algumas notas no texto. No que respeita à segunda das questões, compreende-se bem o critério seguido pelo então Director do Museu: como ele próprio declara, a p. 201 do vol. IX de *O Arqueólogo Português*, "O que deixo de reproduzir creio que não interessaria imediatamente aos leitores (...)". Talvez na época tal afirmação tivesse razão; porém, se se quiser conhecer o pensamento arqueológico de Estácio, há que ler as passagens omitidas, justamente aquelas que mais correspondem à produção de opiniões próprias, ainda que irremediavelmente datadas e que por isso mesmo o tempo se encarregou de revogar. Escrito o manuscrito em 1891, muitas dessas passagens já se encontravam nessas condições em 1904, dada a rápida progressão dos conhecimentos,

o que justifica a opção de Leite de Vasconcellos.

Na transcrição integral do documento, assinalam-se através de duas fontes de escrita diferentes as partes já reproduzidas por J. Leite de Vasconcellos (a **Helvetica**), nos volumes IX, X e XV de *O Arqueólogo Português*, das que agora se publicam pela primeira vez (a **Square**). Apesar dos pequenos lapsos de transcrição, é evidente o cuidado que o então director daquela revista dispensou à publicação: tal cuidado evidencia-se na reprodução dos desenhos cranio-métricos preparados pelo Dr. Ferraz de Macedo (cuja repetição se considerou agora escusada), bem como dos mosaicos desenhados e aguarelados pela Esposa de Estácio da Veiga, Amélia de Claranges Lucotte Estácio da Veiga, depois de passados a limpo e de novo coloridos, expressamente para o efeito. Com efeito tais originais, nalguns casos, não possuem as características mais adequadas para publicação; contudo, são importantes documentos de época, os quais, estando estreitamente relacionados com o Autor, foram, tal motivo, preferidos para publicação na presente edição, como aliás já o haviam sido anteriormente, por M. L. Estácio da Veiga Affonso dos Santos, em 1971.

Os antecedentes objectivos, que estão na origem da Carta Archeologica do Algarve e das "Antiguidades Monumentaes do Algarve" a ela associada, são já bem conhecidos: trata-se da incumbência oficial, atribuída a Estácio da Veiga, para que procedesse ao reconhecimento arqueológico do Algarve (Portaria de 15 de Janeiro de 1877), sendo presidente do ministério Fontes Pereira de Mello e Ministro do Reino António Rodrigues Sampaio (Cardoso & Gradim, 2004) seguida, em 1879, do contrato para a redacção da mencionada obra, em cinco ou seis volumes. No entanto, importaria averiguar se outra razão não existiria para o Autor desejar preparar a "obra maior" da sua bibliografia. E tal razão não se deverá procurar, como é costume, nas obras anteriormente publicadas por Estácio no domínio da Arqueologia. No próprio arquivo de Estácio da Veiga depositado no Museu Nacional de Arqueologia, encontra-se a resposta a esta questão. Ali deparei com outro grosso conjunto de folhas manuscritas, que em breve será publicado também, devidamente anotado e comentado. Trata-se de original inédito, mas já mencionado na bibliografia (Pereira, 1981), intitulado "Várias Antiguidades do

Algarve”, o qual se pode considerar o antecedente directo da obra que cujo quinto volume ora se publica.

Estácio declara na “Introdução” desta obra: “Não me foi possível percorrer toda a provincia, como a principio premeditei, e por isso não poucas omissões encontrarão aqui os homens estudiosos, tanto mais aquelles que um dia se propõemham continuar e concluir este trabalho, que poderá neste caso servir de introdução e incentivo a outro mais desenvolvido e completo”. Estaria então o Autor longe de imaginar que essa oportunidade lhe vira a surgir pouco mais de dois anos depois...

Com efeito, Estácio da Veiga encontrava-se ocupado com a redacção desta obra a 16 de Março de 1874, conforme declara em carta datada desse dia a Possidónio da Silva, a qual tratava dos “vestígios pré-históricos até agora descobertos naquele território (...) acompanhado de estampas e a todos os respeitos difficil de coordenar porque é rigorosamente original e novo no seu genero” (Correspondência artística e científica nacional e estrangeira de Joaquim Possidónio da Silva, Vol. VI, nº. 1012, AN/TT, *in* Pereira, 1981, nota 45).

Convém recuar ainda mais no tempo para melhor se compreender o gosto de Estácio pelos reconhecimentos arqueológicos de regiões geograficamente bem delimitadas, no âmbito dos actualmente designados “Estudos de Arqueologia Regional”, consistindo na reconstituição da ocupação humana pretérita de uma dada área geográfica, a partir dos testemunhos materiais registados (as Cartas Arqueológicas da actualidade poderiam constituir bom exemplo de aplicação deste conceito).

Tais indagações campestres foram, com efeito, inauguradas em Mafra, a partir da Quinta da Rapoza, que então ocupava; delas resultou a obra “Antiguidades de Mafra” (Veiga, 1879), consequência da sua permanência naquele concelho, entre 1867 e 1 de Janeiro de 1875, como funcionário da então Direcção-Geral das Postas e Correios do Reino. Desta actividade de Estacio da Veiga fornece o 4º. Conde de Mafra, D. Tomaz de Mello Breyner, interessantes elementos nas suas Memórias.

A obra “Varias Antiguidades do Algarve”, a cujo título não deve ser estranho o da obra seiscentista “Varias Antiguidades de Portugal”, do seu antepassado Gaspar Estação (Pereira, 1981), segue

um plano ambicioso, timidamente ensaiado na pequena monografia de Mafra e depois plenamente assumido nas "Antiguidades Monumentaes do Algarve": pretendia-se como "peregrinação" pelas sucessivas etapas históricas documentadas na província, desde a Pré-História até à época da conquista definitiva do reino do Algarve, terminando com elementos posteriores ao reinado de D. Diniz, passando em revista os elementos mais relevantes sobre a ocupação romana, visigótica, mourisca e portuguesa, conforme se conclui da leitura do índice apresentado no final do manuscrito. Porém, do ambicioso plano original, o autor concluiu apenas a "I Epoca (Idade prehistorica)", na qual publicou os machados de pedra polida recolhidos no Algarve então conhecidos, seguidos da análise e discussão dos escassos artefactos de cobre e de bronze. A "II Epoca (Idade historica)", contendo "as raras noticias dos povos que occuparam na Lusitania meridional a zona que entre o Cabo de S. Vicente e o rio Odeceixe se destende de Oeste para Este até á margem do rio Guadiana, comprehendida entre a foz deste rio e Alcoutim" foi apenas afluída. Enfim, a leitura da obra não revela assinalável trabalho de campo, por parte de Estácio da Veiga, como aliás é reconhecido pelo próprio; valeu-lhe, sobretudo, os relacionamentos pessoais antecipadamente estabelecidos. É também assinalável o domínio da bibliografia relacionado com as descobertas que então se vinham produzindo em França, revolucionando os conhecimentos até então vigentes sobre a antiguidade da humanidade; a esse respeito, são elucidativas as citações feitas em primeira mão das obras de Cuvier, Boucher de Perthes, Charles Lyell, Paul Gervais, Alcide d'Orbigny e muitos outros.

Do exposto, verifica-se que Estácio da Veiga teve o ensejo de concretizar nas "Antiguidades Monumentaes do Algarve" o projecto já delineado e ensaiado anteriormente, conferindo agora aos trabalhos de campo a importância que eles efectivamente detinham, só possível por via dos apoios financeiros disponibilizados pelo Governo, primeiro no âmbito da cartografia arqueológica rigorosa dos "característicos" com que se deparasse e, depois, através do contrato estabelecido para a redacção da obra com o Governo, em 31 de Maio de 1879; a valorização dos contactos junto de colaboradores dedicados, cujos nomes jamais são omitidos, foi então plenamente conseguida, conduzindo aos resultados notáveis, mesmo, no panora-

ma arqueológico internacional da época, que nos são apresentados.

Cada um dos volumes das "Antiguidades" apresenta, a par e passo, a recapitulação das matérias tratadas nos volumes anteriores, incluindo as de carácter geral ou teórico, como se Estácio, à medida que ia escrevendo a obra, tivesse necessidade de rever ou reafirmar conceitos, num afã criativo sugerido por novas interpretações da realidade observada, decorrentes de novas leituras, que constantemente lhe eram proporcionadas pelos livros que chegavam. É também isso que se verifica no volume V, especialmente nos trechos não transcritos por J. Leite de Vasconcellos, que nada têm a ver com o período romano, tema que só é tratado a partir do Capítulo IV, deixado incompleto.

Tal como nos quatro volumes publicados, transparece também neste o rigor do observador – exemplarmente evidenciado nos levantamentos das plantas por si executadas, decorrente da sua frequência do curso de engenharia de minas, na então Escola Politécnica. Aliado ao conhecimento dos autores clássicos, necessários para a elaboração da parte relativa à presença pré-romana e romana do Algarve, somava o de áreas científicas que na altura se afirmavam com vigor, como a geologia, a arqueologia pré-histórica, e a paleontologia, as quais não só dominava, como sabia relacionar entre si. Aliás, a vertente naturalista encontra-se expressa em obras notáveis e de carácter altamente especializado: é o caso, entre outros, do estudo "Orquídeas de Portugal" publicado pela Academia das Ciências de Lisboa em 1886, depois de ter publicado em 1869, as "Plantas da serra de Monchique, observadas em 1866". Compaginava-se nele, como em nenhuma outra personalidade do seu tempo, muito menos da actualidade, a vertente do naturalista de renome à do erudito, humanista familiarizado com os autores clássicos e ao mesmo tempo habituado ao trabalho prático no terreno; por isso é tão peculiar a obra e o pensamento de Estácio da Veiga, servido por uma prosa elegante e objectiva, sempre crítica e não raras vezes mordaz, cáustica ou irónica, nalguns casos talvez mesmo demasiado afirmativa, tendo em vista – sabemos-lo agora – os escassos conhecimentos sobre muitos dos assuntos à época em que escrevia.

É esta a realidade que, a par e passo, transparece da leitura do original agora publicado. Em particular, nas partes que permanece-

ram inéditas, sob o título "A ethnogenia lusiberica perante as sciencias modernas", evidencia-se a actualização dos conhecimentos científicos do autor, expressa por numerosas citações, conduzindo-o a abraçar o princípio poligénico para a espécie humana, depois de discutir os argumentos dos defensores do princípio monogénico, especialmente do francês Quatrefages. A confrontação apresentada entre ambas as teorias é feita de modo sintético e objectivo, possuindo grande interesse histórico, até para se constatar o nível atingido em Portugal por tal discussão, nos finais do século XIX, a qual era então objecto de acesos debates.

Defensor declarado das teses ocidentalistas como estando na origem remota da formação cultural da Europa, que, deste modo, nada devia às brilhantes civilizações do Próximo Oriente, rebateu declaradamente, no manuscrito agora dado à estampa, a tese orientalista, preferida pela maioria dos historiadores e linguistas do seu tempo. Quanto a estes últimos, citando abundantemente D'Arbois de Joubainville, que refuta, acusa-os a par e passo de não terem em consideração os documentos arqueológicos, mas apenas os testemunhos dos autores clássicos e as elucubrações que estes possam sugerir. E é na defesa objectiva de uma investigação articulada e coerente, valorizando tanto os testemunhos históricos e linguísticos, mas tomando sempre como ponto de partida e de aferição as evidências materiais, só proporcionadas pela Arqueologia, que reside um dos aspectos principais da "praxis" defendida e posta em prática por Estácio. O evidente sucesso da adopção deste princípio encontra-se demonstrado pelo facto de, 120 anos volvidos, muitas das considerações e conclusões apresentadas nos quatro volumes das "Antiguidades" terem mantido interesse e ainda serem lidas com proveito, para além do manancial de informações objectivas que ali se apresentam decorrentes dos trabalhos de campo efectuados.

Com efeito, em virtude da sua vertente naturalista, Estácio foi o primeiro arqueólogo português a valorizar com sucesso a evidência empírica, como só os arqueólogos-geólogos do seu tempo, como Carlos Ribeiro e Nery Delgado o sabiam fazer; contudo, ao contrário destes, que se concentraram nos períodos mais recuados da humanidade, Estácio soube valorizar igualmente a informação histórica, e os autores clássicos; e foi dessa articulação de saberes,

caldeada pelas leituras das obras mais importantes de geologia, de paleontologia e de antropologia do seu tempo, que resultou um pensamento único, expresso por obra criadora e metodologicamente original. Esta nova maneira de investigar a realidade arqueológica não se coadunava, naturalmente, com nenhuma das duas correntes dominantes: assim se explica o estranho silenciamento de Estácio no Congresso de Lisboa de 1880, de que era Secretário-Geral Carlos Ribeiro. Apesar de Estácio da Veiga ter sido um dos Secretários-Adjuntos, a apresentação da primeira versão da "Carta Archeologica do Algarve" relativa aos tempos pré-históricos, então ali efectuada, não consta das actas da reunião. Sabemo-lo apenas pela declaração do próprio e da de outros congressistas, a título não oficial. É sintomático, também, o silenciamento que então se fez da abertura do "Museu Archeologico do Algarve", nas instalações da Academia das Belas-Artes, inaugurado no dia 26 de Setembro de 1880, na altura da realização do Congresso, o qual, com espanto, quase só por acaso foi "descoberto" por alguns dos congressistas (Pereira, 1981).

Por outro lado, as relações com os arqueólogos-antiquários, congregados na Associação dos Arqueólogos Portugueses, dirigida por Joaquim Possidónio da Silva foram tensas, levando mesmo à saída de Estácio da referida agremiação em 1875, o que terá apressado a sua proposta para ingresso na Academia das Ciências, datada de 18 de Novembro desse ano. As razões deste desentendimento poderão estar relacionadas com diferentes concepções museológicas, que colidiam, em resultado das formações académicas e percursos profissionais muito diferenciados de ambos os protagonistas.

Para melhor se compreender o espírito da obra e o lugar que nela reservava Estácio para o volume V das "Antiguidades Monumentaes do Algarve", é imprescindível conhecer a opinião do próprio sobre os volumes anteriormente publicados. É disso que precisamente trata a carta, remetida ao Secretário Geral da Academia das Ciências de Lisboa, a 5 de Novembro de 1889 (já em parte publicada em Almeida, 1994), acompanhando o terceiro volume da referida obra; trata-se de testemunho de grande interesse para se aquilatar os contornos e características mais relevantes da obra, descritos por quem a escrevera, destinados à apreciação dos membros daquela que Estácio justamente considerava a mais alta entidade científica do País:

“Nos dois primeiros livros occupei-me principalmente dos característicos respectivos ao período neolithico por mim descobertos na zona do Algarve e por alguns distinctos investigadores n’outros logares do reino, e refutando as theorias e conceitos não adaptáveis ás manifestações paleoethnologicas até então verificadas nesta região da Europa, julgo ter deixado determinada a significação congruente a taes antiguidades e de todo o ponto destruída a affirmação geral da sua estranha proveniência.

Com o terceiro volume penso ter attingido um similhante resultado; pois estabelecendo as bases que me pareceram ser mais genuínas para a inquirição e reconhecimento dos primórdios da metallurgia neste território, impugno todas as proposições contrarias á mais segura hermenêutica dos factos e cuido ter reivindicado o valor local com que elles mostram reagir contra os conceitos que os estavam empobrecendo e desfigurando.

Com este livro presumo demonstrar, que em toda a península hispânica uma “idade do cobre” sem a mínima intervenção de estranhas migrações, succedeu immediatamente á ultima idade da pedra, e exhibindo as condições archeologicas em que os mais rudimentares artefactos de cobre se hão achado em estações inquestionavelmente neolithicas, apresento em seguida as plantas, os perfis e a descripção de sete monumentos que explorei na famosa necrópole de Alcalá em o concelho de Portimão, a qual considero ser, por emquanto, a única estação clássica que neste paiz caracteriza a transição do período neolithico para a primeira idade dos metaes.

Com o quarto volume, já coordenado, devo concluir o estudo geral da paleoethnologia do Algarve, sendo os característicos das idades metallicas, que apresento e demonstro com estações especiaes, comparados aos das outras estações synchronicas até agora conhecidas em todo o reino e em algumas províncias da Hispanha. É esse livro que hade patentear a successão ordinal das mais typicas civilisações que no território peninsular existiram até os primeiros assomos dos tempos históricos, assim como a incalculável antiguidade da linguagem escripta, deduzida da idade, archeologicamente comprovada, em que a paleografia indígena já tinha assumido as formas epigraphicas. (...).”

O quarto volume veio efectivamente a ser publicado no ano seguinte ao desta missiva; foi também objecto de envio ao Secretário

Geral da Academia das Ciências de Lisboa, acompanhado de carta datada de 6 de Junho de 1891 (inédita). Tem interesse conhecer o julgamento do autor:

“Com o referido quarto volume ponho termo á representação e exame dos característicos das diversas idades pré-historicas por mim descobertos e classificados naquella zona geographica e symbolisados na carta que acompanha o primeiro livro; e por terem sempre sido cuidadosamente comparados com os das estações correspondentes já conhecidas no reino e ainda com os de outras do território hispânico, julgo ter assim chegado a registrar uma resenha geral da paleoethnologia peninsular e reivindicando muitas origens, propriamente occidentaes, até hoje attribuidas a outras regiões.”

Deste modo, a doutrina ocidentalista defendida por Estácio da Veiga no volume V das “Antiguidades”, com incidências até antropológicas e origem, pelo menos, no Pliocénico tem, como se vê, evidentes antecedentes nos volumes anteriormente publicados. Tal como nestes, é particularmente valorizado o registo empírico, no caso a existência de peças de cobre na pré-história peninsular para demonstrar a alta antiguidade da actividade metalúrgica, que nada devia aos Fenícios, ou a outros povos orientais; noutros aspectos, contudo, a argumentação afigura-se hoje espúria – tal como parecia já a J. Leite de Vasconcellos – como é o caso da defesa de uma escrita pré-histórica, para apoiar a autoctonia cultural dos povos peninsulares face às civilizações orientais.

Enfim, a questão do Museu Arqueológico do Algarve é outro dos temas abordados no manuscrito, constituindo um rosário de dissabores e decepções que amarguraram os últimos tempos da existência de Estácio. Como o próprio declara, numa bem significativa passagem do presente documento, não faltaria quem, depois da sua morte, que já pressentia, cobiçasse o produto do seu trabalho insano...

No entanto, a posição de Estácio não foi sempre a mesma, a respeito do local onde deveria ser fundado o “Museu Archeologico do Algarve”. Com efeito, depois de sugerir que as peças por si coligidas, finda a primeira etapa do levantamento arqueológico oficial do Algarve, integrassem um museu arqueológico a constituir na Academia das Ciências de Lisboa, conforme carta também até ao presente inédita, de 7 de Julho de 1877, dirigida ao Presidente da Segunda

Classe da Academia, propósito que não teve seguimento, conseguiu, em 1 de Abril de 1880, que esse museu fosse instalado na sede da Academia de Belas Artes, por determinação do Governo. Compreende-se hoje que esse projecto não tivesse vingado. Com efeito, não se descortinam as razões para uma Academia sedeada em Lisboa ceder, a título permanente, espaços próprios, no âmbito de uma exposição de carácter regional, por mais útil e interessante que fosse (e seguramente não era, para muitos daqueles académicos).

Assim, também este projecto não vingou, vindo o Museu a ser encerrado a 23 de Junho de 1881 e encaixotado por ordem da referida Academia. Impedido de reorganizar o “Museu Archeologico do Algarve” na capital da Província, com base nas colecções que tinham constituído o espólio da efémera instituição, tratou de as refazer de raiz, recorrendo para tal aos seus múltiplos amigos e conhecidos. Permanecia, porém, o problema do espaço para albergar os espólios assim de novo reunidos, para o qual também não encontrou eco na região, abortada a criação do “Instituto Archeologico do Algarve”.

O testemunho de Estácio, sobre estas dificuldades e constrangimentos, escrito na primeira pessoa, é detalhadamente apresentado no volume V, o qual, pelo seu interesse merece desde já ser destacado. Os materiais coligidos depois de 1880 mantiveram-se, deste modo, em sua posse, no Algarve, na casa de Cabanas da Conceição, perto de Tavira, até à aquisição pelo Estado, depois da sua morte, em finais de 1893, por um conto de réis, com a activa participação de J. Leite de Vasconcellos, logo que soube ser essa a vontade da viúva (L. C. C., 2004, p. 494): assim se constituiu o núcleo inicial mais importante do Museu acabado de criar naquele mesmo ano.

Quanto ao manuscrito ora publicado, verifica-se que este se conservou até 15 de Fevereiro de 1897, cerca de três anos depois de Leite de Vasconcellos ter tomando posse das colecções de arqueologia, na Direcção-Geral de Instrução Pública, conforme a data do officio de envio correspondente (**Fig. 1**). Pode parecer estranho que o envio deste documento para o Museu que albergava já a colecção do malgrado arqueólogo algarvio desde 1893 só se tivesse verificado nessa data; contudo, é o próprio J. Leite de Vasconcellos que refere que tinha sido o próprio Estácio a providenciar o envio para a referida Direcção-Geral do documento (O Arqueólogo Portu-

MINISTERIO  
do  
REINO

Direcção Geral  
de  
Instrução Publica

3.ª Divisão

8.º 26 N.º 34

M. Estácio da Veiga



Em resposta ao officio de V.ª M. n.º 44 de 4 do  
Corrente participo a V.ª M., que nesta data  
são enviados a V.ª M. os manuscritos acompa-  
nhados d'estampas, que pertencem a obra de  
António de Veiga. Seus manuscritos e estampas  
ficarão a guarda d'um allegue e sob a imme-  
diata responsabilidade de V.ª M., poro que, exis-  
tindo nesta Direcção Geral um processo ao qual  
respectam esses objectos, e' de meu proprio d'este  
processo que o V.ª M. ministro do Reino resol-  
veu a entrega d'elles a um allegue.

Deus Guarde a V.ª M.

Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino em  
15 de Fevereiro de 1897.

M. Estácio da Veiga Director do Museu Ethnographico  
Portuguez - Lisboa.

O Cons.º Director Geral

J. Mendes Leal

guês, 9, 1904, p. 201, nota 1), acompanhado do álbum de plantas e desenhos inéditos de que alguns se reproduzem agora. Talvez assim Estácio procurasse acautelar o seu uso abusivo ou indevido, possibilidade como vimos, da qual o próprio estava ciente. No entanto, a explicação pode ser muito mais simples: lembre-se que foi através daquela Direcção-Geral que foram alocadas as verbas para a realização da "Carta Archeologica do Algarve" e, depois, para a redacção dos correspondentes volumes das "Antiguidades". Seja como for, felizmente, tal utilização abusiva, que a Estácio tanto repugnava, não se verificou...para maior grandeza do Autor e da sua Obra.

Lisboa, 20 de Setembro de 2006

**Folha pautada com franquia do "Ministerio do Reino / Direcção Geral de Instrucção Publica / 3ª Repartição / £º 26 Nº 34, manuscrita (Fig. 1)**

Ill<sup>mo</sup>. E<sup>mo</sup>. Sr.

Em resposta ao officio de VE<sup>cia</sup>, nº 44 de 4 do corrente participo a VE<sup>cia</sup>, que n'esta data são enviados a VE<sup>cia</sup>, os manuscriptos acompanhados d'estampas, que pertencem á obra de Estacio da Veiga. Esses manuscriptos e estampas ficarão á guarda d'esse Museu e sob a immediata responsabilidade de VE<sup>cia</sup>, pois que, existindo n'esta Direcção Geral um processo ao qual respeitam esses objectos, é sem prejuizo d'este processo que o E<sup>mo</sup>. Ministro do Reino resolveu a entrega d'elles a esse Museu.

Deus Guarde a VE<sup>cia</sup>

Secretario d'Estado dos Negocios do Reino em 15 de Fevereiro de 1897.

Ill<sup>mo</sup>. E<sup>mo</sup> Sr. Director do Museu Ethnographico Portuguez – Lisboa

O Cons.º Director Geral

J. (assinatura ilegivel)

*Azevedo Custos Branco*

## AGRADECIMENTOS

Apresentam-se (J. L. C.) os agradecimentos às seguintes individualidades e Instituições: ao Dr. Luís Raposo, Director do Museu Nacional de Arqueologia pela pronta autorização concedida em Março de 2005 para o acesso, estudo e publicação do Arquivo de Estácio da Veiga, ali conservado, incluindo a reprodução dos documentos que o integram; à Dr.<sup>a</sup> Lúcia Cristina Coito, responsável pelo Arquivo e Biblioteca do referido Museu, pelo apoio concedido à realização do trabalho e o interesse com que o acompanhou; ao Prof. Doutor M. Telles Antunes e à Academia das Ciências de Lisboa, pela cedência de cópias da documentação conservada no Processo Académico de Estácio da Veiga, na referida Instituição, agora publicada; à Dr.<sup>a</sup> Maria José Gonçalves, arqueóloga da Câmara Municipal de Silves pelo empenho e cuidado dispensados à preparação da presente edição; e a José Carlos Henrique de Jesus António que, com o cuidado que lhe é peculiar, procedeu à transcrição preliminar do original manuscrito.

## BIBLIOGRAFIA

**ALARCÃO**, J. de (1988) – *Roman Portugal. Vol. II, Fasc. 3 Évora, Faro & Lagos*. Warminster: Aris & Phillips Ltd.

**ALARCÃO**, J. de (1990) – *O Reordenamento territorial*. ALARCÃO, J. de (coord.): *Nova História de Portugal. 1, Portugal das origens à romanização*. Lisboa: Editorial Presença, p. 352-382.

**ALMEIDA**, J. Mendes de (1994) – *Páginas de Cultura Portuguesa*. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa.

**ALVES**, F. (1997) – Em torno dos projectos da Boca do Rio e do Océan. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11/12, p. 225-239.

**ARRUDA**, A. M. (2005) – O 1.<sup>o</sup> Milénio a.n.e. no centro e no sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 23, p. 9-156.

- BEIRÃO**, C. de M. (1986) – *Une civilisation protohistorique du sud de Portugal (l'Age du Fer)*. Paris: Diffusion De Boccard.
- BONANÇA**, J. (1891) – *História da Lusitania e da Ibéria*. 1. Lisboa: Imprensa Nacional.
- CARDOSO**, J. L. & GRADIM, A. (2004) – Estácio da Veiga e o reconhecimento arqueológico do Algarve: o concelho de Alcoutim. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 22, p. 67-112.
- GOMES**, M. V. (1993) – O estabelecimento fenício-púnico do Cerro da Rocha Branca (Silves). *Estudos Orientais*. Lisboa. 4, p. 73-107.
- GOMES**, M. V. & SILVA, C. Tavares da (1987) – *Levantamento arqueológico do Algarve*. Concelho de Vila do Bispo. Lisboa: Delegação Regional do Sul/Secretaria de Estado da Cultura.
- GONÇALVES**, V. S. (2004) – As placas de xisto gravadas dos sepulcros colectivos de Aljezur (3<sup>o</sup>. milénio a.n.e.). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 22, p. 163-318.
- GÓNGORA Y MARTÍNEZ**, M. de (1868) – *Antigüedades prehistóricas de Andalucía*. Madrid: C. Moro.
- GUERRA**, A. (2001) – Para uma reanálise das fontes escritas relativas à presença púnica no Ocidente peninsular. TAVARES, A. A. (ed.): *Os Púnicos no Extremo Ocidente*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 25-38.
- L. C. C.** (Lívia Cristina Coito) (2004) – Documentos para a história do MNA. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 22, p. 491-513.
- MACHADO**, J. L. Saavedra (1970) – Documentos de Estácio da Veiga para o estudo da arqueologia do Algarve. I – Catálogo de plantas, desenhos e mosaicos. *I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969). Lisboa. 1, p. 335-385.
- OLIVEIRA**, F. de Paula e (1884) – Notes sur les ossements humains qui se trouvent dans le musée de la section géologique de Lisbonne. *Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas. IX Sessão (Lisboa, 1880)*. Lisboa. Actas: Tipografia da Academia Real das Ciências, p. 291-305.
- PARREIRA**, R. (1997) – O salvamento das ruínas romanas da praia da Luz (Lagos): as oficinas de salga a oriente do balneário (escavações de 1987-1988). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11/12, p. 241-248.
- PEREIRA**, M. L. E. V. A. dos S. S. (1981) – O Museu Archeologico do Algarve (1880-1881). Subsídios para o estudo da Museologia em Portugal no Séc. XIX. Faro: *Anais do Município de Faro*, 219 p. (separata).
- QUINTELA**, A. C.; CARDOSO, J. L. & MASCARENHAS, J. M. (1986) – *Aproveitamentos hidráulicos romanos a sul do Tejo*. Lisboa: Ministério do Plano e da Administração do Território/Direcção-Geral dos Recursos e Aproveitamentos Hidráulicos.
- REIS**, M. P. Miguel dos (2005) – *Estação arqueológica romana da Praia da Luz*. Lagos.

**RIBEIRO, C.** (1871) – *Descrição de alguns sílex e quartzites lascados encontrados nas camadas dos terrenos terciário e quaternário das bacias do Tejo e Sado*. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa.

**SANTOS JÚNIOR, J. R. dos** (1934) – As pinturas pré-históricas do Cachão da Rapa. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto. 6 (3), p. 185-222.

**SANTOS, M. L. E. V. A. dos** (1971) – *Arqueologia Romana do Algarve [subsídios]. 1*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

**SARMENTO, F. Martins** (1890/1894) – Lusitanos, lígures e celtas. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 7 (3), 1890, p. 101-119; p. 161-192; 8 (1), 1891, p. 5-28; 10 (2), 1893, p. 73-88; 10 (3), 1893, p. 141-160; 11 (4), 1894, p. 187-199.

**SOROMENHO, A.** (1977) – *La table de bronze d'Aljustrel. Rapport adressé a Monsieur le Ministre de l'Intérieur*. Lisbonne: Imprimerie Nationale.

**VASCONCELLOS, J. Leite de** (1901) – *Les monnaies de la Lusitanie portugaise*. O Arqueólogo Português. Lisboa. 6, p. 81-89.

**VASCONCELLOS, J. Leite de** (1914) – *História do Museu Etnológico Português (1893-1914)*. Lisboa: Imprensa Nacional.

**VEIGA, S. P. M. Estácio da** (1879) – *Antiguidades de Mafra*. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa.

**VEIGA, S. P. M. Estácio da** (1880) – *A tabula de bronze de Aljustrel lida, deduzida e commentada em 1876*. Memórias da 2ª. Classe da Academia Real das Ciências de Lisboa. Lisboa. 5 (2), 61 p. (separata).

**VEIGA, S. P. M. Estacio da** (1886) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve*. Tempos prehistoricos. 1. Lisboa: Imprensa Nacional.

**VEIGA, S. P. M. Estacio da** (1887) – Projecto de legenda symbolica para a elaboração e interpretação da Carta de Archeologia Historica do Algarve. *Jornal de Sciencias Mathematicas Physicas e Naturaes*. Lisboa. 11, p. 3-7.

**VEIGA, S. P. M. Estacio da** (1891) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve*. Tempos prehistoricos. 4. Lisboa: Imprensa Nacional.

**VEIGA, S. P. M. Estácio da** (1904, 1905, 1910) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve* (elementos para o volume V da obra que com este título começou a ser publicada por Estacio da Veiga, - por elle deixados em manuscrito). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 9, 1904 p. 200-210; 10, 1905, p. 6-14; 107-118; 15, 1910, p. 209-233 (notas de J. Leite de Vasconcellos).

**VEIGA, S. P. M. Estácio da** (2005) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve*. 4 vols. Prefácio de Teresa Júdice Gamito. Coimbra: Universidade do Algarve/Faro Capital Nacional da Cultura.

**VIANA, A.; FORMOSINHO, J. & FERREIRA, O. da Veiga** (1953) – De lo prerromano a lo árabe en el Museo Regional de Lagos. *Archivo Español de Arqueologia*. Madrid. 26 (1), p. 113-138.